

Cristina Carvalho

A Casa das Auroras

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2011, Cristina Carvalho
© 2011, Planeta Manuscrito

Revisão: Eulália Pyrrait

Paginação: Segundo Capítulo

1.ª edição: Abril de 2011

Depósito legal n.º 325 723/11

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-186-3

www.planeta.pt

Índice

A Estrada de Quintas	19
A casa	25
Silêncios e fraquezas.	33
Fugas e fantasias	47
Namoro e aflição.	61
Ventos e venenos.	77
Pecado.	103
Ódios e zangas.	157
Embora a noite seja sempre uma certeza	189

Informação a quem ler esta história

Quintas é um lugar. Não é uma aldeia, nem uma vila, nem um sítio. É um lugar. É aqui que eu moro, é aqui que eu vivo há tanto, tanto tempo que já deixei de o contar. Resolvi ficar aqui desde o acontecimento, desde aquilo que vivi, uma daquelas situações que podem ou não acontecer no espaço de tempo que dura uma vida. E comigo aconteceu. Vou contar-vos tudo.

Este nome – Quintas – vem já de um tempo muito longínquo, numa altura em que por aqui havia grandes parcelas de terreno que pertenciam a diferentes famílias e que, com o rolar dos anos, dos meses e dos dias se foram perdendo, umas vezes porque não havia descendentes, outras porque havia descendentes mas estes não se entendiam e tudo acabava por desaparecer, tudo dividido em parcelas menores de terra, sem interesse nenhum, que nem para um pequeno pomar ou um pequeno bosque serviam.

É tudo o que eu sei de mais sério e histórico sobre este lugar. Tudo o resto pode muito bem ser apenas um sonho.

Apesar de ter apenas umas vinte, vinte e cinco casas, sendo uma delas uma casa comercial – café, padaria, mercearia, florista, tabacaria, entreposto de gás engarrafado, carvoaria, frutaria, pronto-a-vestir e panos, referindo-me a colãs, peúgas, cuecas, beibigrous e turcos –, é um lugar onde acontecem e se vêem coisas extraordinárias: há ossadas humanas – romanas, é o que consta – no meu quintal, vestígios

fenícios no quintal do Tiágostinho, fósseis marinhos nunca vistos, encastoados, colados no muro da Casa das Auroras. É que as grandes ondas do mar há uns vinte mil anos chegavam aqui, aqui mesmo onde hoje nos encontramos, e é por isso que em certas noites, dependendo da Lua, se pode ouvir com nitidez, encostando o ouvido não a um búzio mas a qualquer parede da casa, o chamamento do mar.

Na Casa das Auroras vivem só mulheres, por isso também lhe chamam a Casa das Mulheres; ou por outra, não sei se elas lá vivem, mas que é visitada só por mulheres, isso é. Tem havido sempre rumores de suspeição sobre quem são elas, o que fazem, por que se encontram ali todas as noites, durante a noite...

Ninguém sabe. Fala-se de fantasmas... conta-se muita história, investiga-se, imagina-se; há ocasiões, normalmente no Verão, em que as famílias que ali moram encarregam os filhos rapazes de rondar a casa, tarde, já muito tarde na noite. E eles, que têm catorze, quinze, dezasseis anos e se julgam homens feitos, beatas penduradas nos lábios, cabelos tesos esculpindo cristas guerreiras, lá se juntam aos três e quatro, lá põem as mãos nos bolsos e, como quem não quer a coisa, fazem deslizar as suas sombras pelas caleiras da estrada rente à casa. Mas não conseguem ouvir nem conseguem perceber absolutamente nada. Dir-se-ia que a casa não tem ninguém.

É uma caixa muito bem fechada com algumas janelas que se abrem somente durante o dia, quando ninguém dá por isso, uma vez que todos trabalham fora, pelos campos. Todos, menos eu. Mesmo assim, estando sempre atenta e conhecedora do mundo – e a minha alargada zona de conhecimento com precisão de pormenores atravessa a Via Láctea, observa a curvatura do planeta Terra e perde-se ainda por florestas, desertos, oceanos e cidades até chegar aqui a Quintas, pequenino lugar perdido na costa oeste do país Portugal –, estando sempre muito atenta, dizia eu, nunca até hoje consegui perceber o que fazem e dizem tantas mulheres juntas na eternidade de um espaço sem fim que ninguém alcança nem compreende.

Mas quando vem a noite, e a noite fatalmente vem, quando as folhas transparentes dos choupos se iluminam de tons dourados

e dançam e vibram numa quente alegria sob a grande bola do Sol que ainda ilumina o crepúsculo e contorna as nuvens vermelhas que pintam o céu quase escuro, quando os mais variados pios rodopiam de ramo em ramo numa desordem harmoniosa até se aconchegarem definitivamente, é nessa altura que a casa se ilumina e quem passar na rua poderá sentir, ouvir e perceber, se quiser, os sons acetinados das conversas das mulheres.

Elas contam uma história. Momentos das suas vidas. Dizem por aqui – sempre ouvi dizer – que são três, talvez quatro ou cinco ou seis, estas mulheres, e dizem também os mais novos e os mais velhos que elas nunca morrerão.

O certo é que esta casa é muito, muito antiga. Consta que foi a primeira a ser construída neste lugar há, pelo menos, uns trezentos anos, imagine-se!

Que nunca houve nem dilúvio, nem tremor de terra, nem o violento sopro do vento que tanto ataca esta região, que a deitasse abaixo ou que lhe provocasse uma única ferida.

Também quero informar os leitores desta história do seguinte: cheguei aqui a este lugar de Quintas, vinda de Lisboa, com um determinado propósito. Quis procurar uma pessoa, desvendar um mistério. Nessa altura, eu ainda trabalhava como jornalista e tudo o que dissesse respeito a crimes mais ou menos misteriosos, tudo o que dissesse respeito a situações insólitas, inusitadas, estranhas, fantasmagóricas, tudo isso era comigo. Foi, pois, na intenção de escrever uma reportagem sobre uma morte aqui ocorrida em condições muito estranhas que aqui cheguei. Nunca imaginando nunca mais sair daqui! E hoje, eu que vivo isolada num sítio destes, sei tudo o que se passa no mundo inteiro, pois como não tenho mais nada que fazer (aparentemente) leio os jornais todos os dias e vejo televisão. Não consigo nem nunca consegui saber o que se passa nesta terra, o que me causa alguma perturbação. Posso, no entanto, afirmar em consciência que a Casa das Auroras é a mola que me faz viver, que me assusta e que me encanta.

E como nem tudo tem de ter um começo coerente ou um final coerente ou um começo perfeitamente compreensível ou um final ainda

mais compreensível ou um começo desenhado ou um final inesperado, deixemos esta história rolar, rolar à vontade. Livre!

Logo no princípio, no dia em que aqui cheguei, a pergunta surgiria: «Mas quem é esta mulher? E o que foi ali fazer? E porquê?»

Isso nunca se saberá. Diz-se jornalista...

Mas nem tudo tem de se saber ao certo, nem tudo tem de se perceber ou corresponder a uma evidência lógica. Não. Nem tudo.

A Estrada de Quintas

Quem vier de Lisboa pela antiga estrada que irá terminar em Torres Vedras tem de passar pela vila da Ericeira, o mar sempre do lado esquerdo. Do lado direito da estrada muitas povoações pequenas, sem fronteiras, ligadas umas às outras numa linha contínua de casas e alguns prédios mais ou menos altos. Depois de ultrapassada esta vila continua-se em frente e sempre em frente surgirá o lugar de Ribamar com muitos restaurantes, cheio de pessoas que entram e saem atulhadas de comida: os intestinos ribombam, um fio brilhante de gordura escorre-lhes pelos cantos dos lábios e bigodes de camarão espreitam nos intervalos dos dentes. Pessoas homens e pessoas mulheres. Os maridos arredondados, carecas, luzidios, as bochechas roxas, e elas, as mulheres e as esposas, igualmente arredondadas, grossas e sisudas, exibem, aos domingos, as suas pequenas certezas duma existência segura e pachorrenta, perfumada com aromas de lagosta e santola recheada.

Depois deste lugar, prosseguindo a viagem pela costa e ultrapassados os cheiros dos refogados eternos, um pouco mais adiante a Terra sorri-nos de novo e percebemos com alegria que continua a ser amável e compreensiva, oferecendo-nos generosamente uma das suas mais belas paisagens: o recorte e a cor extraordinária do mar da pequena praia de São Lourenço.

Mas o nosso destino, meu e vosso, é a continuação desta estrada. O mar sempre do lado esquerdo. Logo aparece o desvio da praia da

Calada. Um pouco mais à frente vira-se à direita e começa-se então a descer uma estradinha estreita, curvilínea, perigosa.

Por esta estrada avancei eu num longínquo mês de Fevereiro ainda húmido. Era um fim de tarde muito frio. O céu enevoado deixava que a luz opalina cobrisse a paisagem e um véu de neblina esbranquiçada pairava sobre montes. O cenário era irreal e belo como num sonho bom. A minha vida, os meus passos, a estrada que ia caminhando, tudo se apresentava azulado e etéreo. Ao longe na paisagem, uma coluna de fumo muito espesso subia em direcção ao céu e um certo cheiro, o cheiro mais doce que se possa imaginar, cheiro de ervas, de ramos de árvore, de fruta quente, sei lá de quê, esse cheiro penetrava qualquer um e seria impossível esquecer-lo. Às vezes, as pessoas dizem: «Parece-me cheirar de novo qualquer coisa que já cheirei anteriormente, parece-me sentir sensações que já vivi.» É isso, são os cheiros e as cores. Ilusões! Enquanto dura a vida há ilusões, muitas ilusões, e o que parece não é, assim como o que não parece é. Nesta fronteira indefinida e incompreensível entre o ser e o não ser, ou seja, entre o que aparece nascendo e o que desaparece morrendo, talvez tudo não passe dum bom cheiro.

Quintas

Encostado à tabuleta que dizia – *Quintas* – estava um miúdo sujo entretido com qualquer coisa entre os dedos das mãos. Perguntei-lhe: «É aqui, Quintas?»

«Sim», respondeu o miúdo, sem qualquer curiosidade. O facto é que, pensei eu, o rapaz nunca me tinha visto nem ouvido, e a minha pessoa podia ter-lhe despertado curiosidade. Mas não. Vá lá saber-se porquê.

«É uma aldeia?», tornei a perguntar. «Era aqui que morava a Bela?»

Ao ouvir o nome que pronunciei, o miúdo desencostou-se da placa, arremessou para longe um carrito de plástico e desatou a correr pela rua

acima. Fiquei ali parada, à esquina da povoação, a olhar para o pequeno que estava agora à porta duma casa e falava, fazendo muitos gestos, com um homem já de alguma idade. Esse homem olhou para o seu mais próximo horizonte que era o fim da rua e viu a minha aproximação.

«Estou em Quintas, não é verdade?»

«Sim senhora, está nas Quintas.»

«Ah! Nas Quintas. Muito bem. E o senhor, pelos vistos, mora aqui nas Quintas, não é?» A julgar pela aparência, vai-se a ver e é o habitante mais velho deste sítio, pensei eu satisfeita.

«Tiágostinho. Chamo-me Tiágostinho. Sim, sou a pessoa mais velha que aqui mora. Vive pouca gente por aqui, o lugar é pequeno. Ali para cima há uma bonita casa com alguém que lhe poderá ser mais útil do que eu. E a senhora vem então ao quê?»

Eu continuava a falar-lhe mantendo uma certa distância. Um cão agitado de pêlo emaranhado com placas de lama seca por todo o corpo, preso por uma grossa corrente a uma casota, não parava de ladrar e saltava, saltava em círculos sobre si próprio e à volta da casota, ladrando cada vez mais furioso. O alvo era, sem dúvida, a minha pessoa.

«Mora alguém naquela casa?», perguntei, apontando uma construção antiga que se evidenciava por detrás da figura do homem. «Provavelmente quem eu procuro...»

«Cala-te, *Tobi*, estúpido animal! Este cão tem mau feitio. É anti-pático mas não lhe fará mal, senhora.»

«De qualquer forma também não me demoro», disse-lhe, evitando olhar para o animal e alteando a voz, pois os latidos eram tão vigorosos que achei que o homem velho teria dificuldade em me ouvir.

«Saberá, por certo, onde moravam as duas mulheres, Alex e Bela?», perguntei olhando por cima da sua cabeça.

«Quem é a senhora?» O seu olhar era triste e desconfiado. «A Bela era minha filha...»

«Como quer o senhor que eu saiba uma coisa dessas? Que a Bela era sua filha? Pois não vê que acabo de chegar, que nunca por aqui estive, que não conheço aqui ninguém?»

«Há muito tempo que não a via, mesmo morando a dois passos. Quando aconteceu aquilo, soube da minha filha apenas pelo jornal e vi também uma notícia na televisão. Para mim, para este miúdo e para este cão, Bela desapareceu e acabou-se. Gostava de não falar mais nela.»

«A minha intenção era escrever qualquer coisa sobre a história da sua filha e da amiga, da Alex. Apenas. Para isso, preciso de conhecer o local onde elas moraram, compreende? Sei que estou muito perto dessa casa e ainda que isso lhe custe bastante, pedia-lhe, por favor, que me indicasse esse local. Ir-me-ei embora rapidamente logo que tire os meus apontamentos.»

«Escrever uma história? O que é isso? Escrever uma história sobre a vida da minha filha? E porquê falar dela?»

«Não sobre a sua vida mas sobre – desculpe! – a sua morte. Vi no jornal uma notícia intrigante. Disseram-me que seria aqui que se teria passado esse triste acontecimento.»

«Bruno!», gritou o velho para a criança que eu tinha encontrado à entrada da aldeia, «diz à senhora onde é que elas moram.» E olhando para mim tristemente, despediu-se: «Boa tarde.»

Estranhei ele dizer «moram» e não «moraram» ou «moravam». Ele percebeu qualquer expressão na minha cara e disse ainda:

«Sim, não moram mas é como se morassem. Aparecem lá muitas vezes, embora nunca mais nem eu nem ninguém as tenha visto. E não são só elas, há uma data de gente na Casa mas nunca se viu ninguém. Dizem os mais novos que são só mulheres. Há quem diga que são fantasmas...»

«Na Casa das Auroras? A casa das mulheres?»

«Não se sabe ao certo quantas mulheres são, isso não se sabe», repetiu.

A casa

Ao entrar numa curva apertada à direita de quem sobe pela aldeia, separada da estrada por um declive cimentado, vi então a casa, de feitio esquisito, uma construção muitíssimo antiga que, apesar dos muitos anos que já devia ter, se notava que nunca tinha deixado de ser habitada.

Entrei numa espécie de pátio empurrando uma pequena cancela de madeira esboroada, pintada de várias cores umas por cima das outras, pois por detrás do verde-escuro que agora ainda se percebe vi laivos de azul-forte, de amarelo e de vermelho. Alguém preocupado aqui morou.

Dirigi-me à porta de entrada.

Estremeci ao de leve, senti as palmas das mãos húmidas e senti o meu coração. Achei que estava ligeiramente cansada, como se tivesse acordado depois duma noite mal dormida, achei-me tonta ali parada debaixo desse alpendre perigosamente enfeitado por roseiras secas que exibiam ainda aguçados, terríveis espinhos. Afinal, o que tinha eu a fazer ali? Com quem poderia partilhar a minha curiosidade e o que iria saber que não se soubesse já?

Puxei um cordãozinho que deslizava por um buraco na porta de entrada e entrei sem qualquer dificuldade para um vestíbulo amplo, de paredes rosadas; em frente, e fechada, estava uma porta e à minha direita umas escadas bastante largas levavam ao primeiro andar, onde, supus, seriam os quartos de dormir.

Pensei duas vezes se havia de abrir esta porta cá de baixo.

Por que não? Não deve estar cá ninguém, não se ouve o menor ruído. Existirão as tais mulheres? Existirão mulheres? E no caso de existirem – até chego a duvidar! – onde estão?

«Só cá estão de noite... de dia não se sabe delas, ninguém as consegue ver nem se sabe onde se escondem...»

Eu ouvi nitidamente esta frase, mas quem a disse? Algo girou no espaço à minha frente, algo que percebi como sendo uma forte e ondulada cabeleira abanando, sacudindo-se com vigor – não sei se era, mas foi o que eu percebi: «Céus!» E dei por mim a tremer com um frio inesperado e dei por mim assustada e dei por mim a avançar para a porta fechada, a rodar a maçaneta e a entrar.

Lá dentro, um espaço vazio. Um espaço de convívio a julgar pela lareira a um canto e pela proximidade da cozinha. Atravessei a sala tão suavemente como um gato curioso a atravessaria, e enquanto caminhava ia reparando que a minha respiração se transformava num fino fio de fumo que saía pela boca e pelo nariz. Havia, portanto, humidade nesta sala.

Por qualquer razão resolvi sentar-me no chão a um canto e esperar que alguma coisa acontecesse.

O dia acabava. Inesperadamente, o sol desapareceu sem que eu tivesse dado por isso e a noite veio, a noite apareceu sem lua, sem estrelas, sem luz, sem nada. Apenas o profundo e alto negro se abateu sobre mim, muito para além deste tecto sob o qual me encontro. A minha cabeça rodava, rodava e senti-me a entontecer como se tivesse bebido muito vinho, ou levado uma grande pancada.

Sentada no chão gelado, encostei-me à parede. O corpo estava pesado, a cabeça descaiu para o peito, ouvi alguns sons ao longe que não consegui identificar. Pensei que ia desmaiar. Mas quando estava a desfalecer, um enorme clarão, uma luz intensa, brilhou e aqueceu por instantes todo este ambiente.



O que é normal e consequente que eu diga agora é o seguinte: «Devo ter adormecido...»

Isto seria o seguimento natural da história. Desta frase «devo ter adormecido» nasceria todo um enredo provável e uma erupção de acontecimentos surgiria coerentemente.

Infelizmente não adormeci. Tudo seria mais fácil.

Deixei-me para ali ficar acorçada, com os olhos semicerrados, atenta ao menor ruído muito tempo, talvez horas, nem sei bem, num estado praticamente anestesiado, em plena alteração de consciência, estado esse que, eu sabia, me conduziria à descoberta de verdades, de qualquer verdade que me fizesse compreender o sentido da vida destas mulheres. Conhecer estas mulheres, pensava eu, era conhecer a vida toda, qual foi o impulso que aqui me trouxe, donde vim, para onde vou, porque sim e porque não. Para isso, era necessário passar aqui uns dias, até talvez muitos dias, e habituar-me à ideia de viver num sítio estranho, apenas habitado durante a noite por alguém que ninguém conhece, começar a viver quando as pessoas lá fora já adormeceram e o lugar de Quintas é apenas um minúsculo pontinho de luz nesta vasta solidão do universo.



Apercebi-me, lá sentada no meu canto, que um véu de névoas esbranquiçadas se tinha espalhado por toda a sala e iria jurar que um cheiro muito agradável, perfumado, se tinha espalhado por todo este ambiente. Mas afinal a noite não tinha caído! Era dia, e embora a tarde findasse já, o sol ainda entrava pelas vidraças desta grande sala desenhando quadrados de luz no chão. A vida parecia certa e prestes a acontecer. Sentada no meu canto, aguardava de olhos bem abertos que alguém surgisse, que alguma coisa pudesse acontecer.

Ao rodar sobre mim mesma para mudar de posição – estava ali havia já bastante tempo, naquela situação incómoda, joelhos à boca, com formigueiros nos dedos das mãos – reparei que estava ao nível duma janela que dava para um jardim tristemente despido de

qualquer espécie de cultivo – num canto, e encostada ao muro, uma planta moribunda –, um jardim sucumbindo de secura. E pensei nesse instante que nada, nada mais triste poderia existir do que um chão de terra seca, sem vida.

Em que momento encontrei finalmente as mulheres?
Agora. Agora mesmo.

Quando voltei a olhar para dentro da sala, vi que, ao centro, surgira uma mesa redonda. Em cima da mesa seis chávenas de chá e um grande bule fumegante. À volta da mesa seis cadeiras pintadas de verde. Nas cadeiras, sentadas, seis pessoas, seis figuras femininas: uma mulher muito velha; uma de meia-idade, chamando-se de meia-idade mais ou menos cinquenta anos; outra que teria à volta de uns quarenta; uma outra com trinta e cinco; outra de dezanove, vinte anos e a última ainda uma criança.

Delicadamente, cada uma bebia o seu chá. Elas não se conheciam umas às outras. Todos os dias – viria eu a perceber – as mulheres eram diferentes. Vinham umas, iam outras, vinham umas, iam outras, vinham umas, iam outras, e isto pelo andar dos tempos, no rolar da eternidade.

Observei-as muito bem e, embora o sol fosse enfraquecendo e a penumbra já se tivesse instalado naquele espaço, percebi finalmente – nem precisei de ouvir o começo das suas conversas – que elas, as Auroras – como decidi chamar-lhes –, se reuniam ali à volta da mesa com um único propósito: julgar, apreciar e dar a conhecer uma parte importante das suas vidas e ainda mais, das suas mortes.

Por toda esta noite sem fim, estas almas iriam descrever situações insólitas mas verdadeiras, e são esses relatos que me proponho contar.

Peço pois a todas as pessoas que leram ou venham a ler o começo desta história que não a abandonem por cansaço ou desinteresse, pois que estas vidas não merecem abandono. Também eu pensei que ia dar em doida ali sozinha, sem conseguir perceber o que me estava a acontecer, se me encontrava acordada, se me encontrava adormecida,

numa casa talvez por mim imaginada, fria, húmida, num canto duma sala vazia onde ninguém entra a não ser estes fantasmas, num sítio que poucas pessoas conhecem, num sítio onde os cães ladram à passagem de estranhos e há miúdos ariscos a brincar rua acima e rua abaixo e onde, se não fosse a animada loja que vende tudo, seria o fim do mundo. Aparentemente. Mas vocês, que estarão a ler esta história sentados numa cadeira, num sofá, num banco de jardim, num avião ou num comboio, recostados ou deitados numa cama, vocês perceberão por que não vou interromper a narrativa destas seis personagens. Perceberão que a minha voz nunca chegaria até elas, que mesmo que eu falasse elas não entenderiam. Nem sequer me vêem. Estão estas figuras reunidas a falar numa certa noite; amanhã outras virão e depois outras e outras e ainda outras por todas as noites e noites sem fim.

Elas irão falar uma a uma, não sei a ordem, se será da mais nova para a mais velha ou da mais velha para a mais nova. Tanto faz.